Santa Casa da Misericórdia de Santos, o mais antigo hospital brasileiro.

Santa Casa da Misericórdia de Santos, the oldest Brazilian hospital.

HENRIQUE SEIJI IVAMOTO, EDITOR

Acta Medica Misericordiæ, Centro de Estudos da Santa Casa da Misericórdia de Santos

---

Ivamoto HS. Santa Casa da Misericórdia de Santos, the oldest Brazilian hospital. Acta Medica Misericordiæ 2003; 6 (1): 13-24

Resumo:

A Santa Casa da Misericórdia de Santos, o mais antigo hospital do país, foi fundada em 1543 no povoado do Porto de São Vicente, primeira vila brasileira. Três anos depois, o povoado do porto foi elevado à condição de vila e, mais tarde, cidade de Santos. Em 1551, o monarca Dom João III outorgou-lhe a Carta Real de Privilégios, a primeira concedida a uma Misericórdia brasileira. Ao final do século XIX, um autor negou o pioneirismo da Santa Casa de Santos, seguido por outro, tentando demonstrar primazia da Santa Casa de Olinda. Basearam-se em interpretações errôneas da carta de um jesuíta e de uma provisão governamental para afirmarem que a Santa Casa de Santos teria sido fundada somente cento e onze anos depois da data real. Alegando haverem lido a transcrição de um documento, ambos não localizados, anteciparam a data de fundação do hospital pernambucano. Um conjunto de documentos e relatos derruba suas teses. Entre esses, ressalta uma pesquisa feita por Ernesto de Souza Campos, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ministro de Estado e um dos maiores conhecedores da história das Santas Casas brasileiras.

Descritores: Hospitais filantrópicos. História da Medicina. Humanismo. Caridade.

Summary:

The Santa Casa da Misericórdia de Santos (Holy House of Mercy of Santos) is a charity hospital located in the city of Santos, State of São Paulo, in the Southeastern region of the country. It was founded with the name of Hospital of All Saints in 1543 in the settlement of the port of São Vicente, the first Brazilian village. Three years later, the settlement gained the status of village, under the name of Village of All Saints, and later, the Village of Santos. In 1551, the Portuguese king Dom João III gave the institution the Royal Charter of Privileges, the first conceded to a Brazilian Misericórdia. Santa Casa da Misericórdia of Santos is the oldest hospital in the country. In the last years of the XIX Century, a writer challenged this long held view, followed by two others, who tried to demonstrate that the Santa Casa of Olinda or the one of Rio de Janeiro, were the first Brazilian hospitals. Father Leonardo Nunes wrote a letter from São Vicente, on August 14, 1550, stating that as there was no hospital available, he lodged at the priest's home. This letter has been mistakenly interpreted by these writers as proof that the village had no hospital. At that time, however, the word '*hospital*' had two meanings, being used in today's sense and also in reference to hotel or hostel. In his letter, Nunes used the word hospital meaning hotel or hostel, which he needed for *lodging* purposes. In the last decade of the 16th Century and in the following years, the village suffered a profound economic depression due to diseases and piracy. The hospital lost its building in 1620. In 1654, the governor

Dom Jeronymo de Athayde gave it financial help, writing that at the time the village was in need of a hospital. His decree led the previously mentioned writers to state that the hospital Santa Casa da Misericórdia de Santos was only founded after that time. Francisco Augusto Pereira da Costa stated that the Hospital of Misericórdia in Olinda, in the Northeastern region of Brazil, in today's State of Pernambuco, had already been built by 1540, according to the transcription he had allegedly seen of an old document that could be found in the archives of the College of Recife. However, the document and its transcription were never presented. The transcription book started being written in 1755. Ernesto de Souza Campos, one of the most knowledgeable historians of the Misericórdias in Brazil, conducted a detailed reserach on the subject, and concluded that the hospital of Santos was the first to be founded in the country. The Misericórdia of Olinda and its hospital were founded by João Paes Barreto, a native of Portugal, who arrived in Pernambuco in 1560. Its royal charter of privileges was issued by Felipe II in 1606. Felix Ferreira, author of "Misericórdia Fluminense", stated that the Misericórdia of Rio de Janeiro was founded in 1545. At that time, the region was inhabited by the Tamoyo natives and by some Frenchmen, both enemies of the Portuguese. The Portuguese settlers established themselves in the region in 1565. The Jesuit Father José de Anchieta founded the Santa Casa da Misericórdia of Rio de Janeiro, an institution of Portuguese origin, in 1582, in order to help the sick crew and soldiers of the Spanish Admiral Diogo Florez Valdez' fleet. Although the Santas Casas da Misericórdia of Rio de Janeiro and of Olinda are not as old as those writers alleged them to be, this fact does not diminish the historical relevance and the social and human merits of these traditional institutions. These and the other Misericórdias are respectable national monuments, of vital importance in the construction of the nation.

Key words: Hospitals, voluntary. History of Medicine. Humanism. Charities.

A SANTA CASA DE SANTOS

Brás Cubas inaugurou a Santa Casa da Misericórdia de Santos em 1543, provavelmente no primeiro dia de novembro, data que era reservada para as grandes comemorações. Chamou-a Hospital de Todos os Santos, inspirando-se no nome do hospital modelar de Lisboa e na data da sua fundação (Santos FM). Sua construção tivera início em 1542 (Santos FM; Franco J; Lacaz CS). O povoado, que era conhecido pelos nativos como Enguaguaçu e, posteriormente, como povoado do Porto da Vila de São Vicente, passou, a partir de 1543, a ser chamado povoado do Porto de Todos os Santos ou do Porto de Santos, por aquisição do nome do hospital, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus. Em 1546 o capitão-mor Brás Cubas eleva o povoado à categoria de vila, com o nome de Vila do Porto de Santos.

O primeiro prédio do hospital foi construído no sopé do outeiro de Santa Catarina, em local onde hoje se situa a Rua Visconde do Rio Branco, defronte ao edifício da Alfândega, no centro de Santos. Em 2 de abril de 1551 Brás Cubas conseguiu de D. João III, em Almeirim, o alvará real de privilégios, o primeiro obtido por uma Misericórdia brasileira.

A vila, a Irmandade e o Hospital cresceram saudavelmente, sob a proteção do seu poderoso fundador. Pela época da morte do líder santista em 1597, a vila entrava em decadência. As plantações e engenhos do litoral perdiam seus operários, pois muitos mudavam-se para o planalto, em busca de melhores oportunidades nas prósperas fazendas, entradas e bandeiras e fugiam das doenças infecciosas das terras quentes e úmidas do litoral. Os ataques de corsários ingleses e holandeses, que aumentaram com a destruição da Armada Invencível espanhola no canal da Mancha, prejudicavam o comércio com a Europa e reduziam as atividades portuárias.

Houve um progressivo empobrecimento da comunidade e da Irmandade, sendo que o hospital deixou de possuir edifício próprio em 1620 (Franco J; Santos FM) e, em 1654, chegou a paralisar suas atividades. Em 3 de outubro de 1654, D. Jeronymo de Athayde, conde de

Athouguia, capitão general do Estado do Brasil, assinou provisão de recursos financeiros aos Irmãos da Misericórdia de Santos, atendendo petição destes. A provisão cita que "por não haver na dita vila casa separada da Misericórdia celebravam seus ofícios divinos na Matriz e por ser grande a necessidade que ali ha de hospital, por ser o posto por onde freqüenta o comercio de toda a capitania, haviam resolvido fazer casa de Misericórdia e hospital, mas que por serem todos eles pobres, não podiam concorrer com as despesas necessárias para aquelas obras...". Com a provisão governamental foi possível concluir, em 1665, a construção do segundo prédio próprio da Santa Casa e da sua igreja, em local que ficou conhecido como Campo da Misericórdia, posteriormente denominado Largo da Misericórdia, Largo da Coroação e, por último, Praça Visconde de Mauá, junto ao atual prédio da prefeitura municipal (Santos FM; Ivamoto HS). A provisão de D. Jeronymo foi, como veremos a seguir, erroneamente interpretada por alguns autores como prova de que a Santa Casa da Misericórdia de Santos não tivesse existido até essa data.

AS DIVERGÊNCIAS

Alguns autores apontam a Santa Casa de Olinda ou a do Rio de Janeiro como sendo mais antigas que a de Santos. Lourival Ribeiro, em sua obra "Medicina no Brasil Colonial", afirma que "não se sabe com precisão quando foi inaugurado o primeiro hospital no Brasil, embora a maioria dos autores se tenha fixado no ano de 1543, ano da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Santos". Em seguida, menciona a opinião de F. A. Pereira da Costa que afirma ser a primeira iniciativa nesse gênero no nosso país na cidade de Olinda, em Pernambuco.

Francisco Augusto Pereira da Costa afirma que Olinda já tinha um hospital da Misericórdia em 1540, e manifesta-se contrariamente à opinião dos que admitem a criação e o funcionamento da Santa Casa da Misericórdia de Santos no século XVI, ao afirmar, incisivamente, que "Para ficar completamente liquidado o assunto, basta o seguinte documento, de autenticidade insuspeita, pelo qual se vê que, ainda em 1654, não existia em Santos, igreja e hospital da Misericórdia, e que instituída uma irmandade, procurava então construí-los", e passa a citar a provisão de D. Jerônimo de Ataíde. Lourival Ribeiro cita ainda a opinião do Padre Serafim Leite de que em 1550 ainda não haveria hospital em Santos, baseando-se em trecho da carta do Padre Leonardo Nunes, de 14 de agosto de 1550.

Outro autor, Felix Ferreira, confere a primazia à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, calculando que esta existia desde 1545, baseando-se num requerimento feito pelos irmãos do Rio de Janeiro a Felipe II de Portugal para obter o alvará de privilégios. Por outro lado, afirma ainda que a irmandade santista só construiu sua Santa Casa após 1654, referindo-se à provisão de D. Jerônimo de Ataíde.

DISCUSSÃO

1. A Santa Casa de Olinda

Ernesto de Souza Campos, engenheiro, médico, historiador, professor catedrático de Microbiologia e diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, responsável pelo projeto do prédio desta e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da mesma universidade, Ministro da Educação e da Saúde no governo Dutra, foi um dos maiores pesquisadores e conhecedores da história das Santas Casas da Misericórdia no Brasil. Em sua obra clássica *"Santa Casa da Misericórdia de Santos: Primeiro Hospital Fundado no Brasil"*, Campos estudou detalhadamente as origens das Santas Casas de Santos, de Olinda e do Rio de Janeiro, concluindo pela primazia da primeira. Sobre a de Olinda, observou que Francisco Augusto Pereira da Costa, advogando a primazia da mesma, argumenta que teria visto o translato de um documento de demarcação de terras, cujo original se acharia no arquivo do Colégio do Recife. O documento estaria inserto à página 17 do Livro do Tombo da freguesia de N.S. da Luz,

que começou a ser escriturado apenas em 1755, e que citaria que, em 1540, já existia um hospital da Misericórdia em Olinda. A suposta prova, o documento de demarcação, não é apresentado. Nem mesmo o seu translato é apresentado. Afirma ainda que "em 1540 já existia a igreja de N.S. da Luz, situada como de presente se vê, sôbre a Muribara". Por outro lado, referindo-se à provisão de recursos de D. Jerônimo de Ataíde, onde consta "não haver na vila de Santos casa separada da Misericórdia", Pereira da Costa excede-se na interpretação do escrito afirmando que "ainda em 1654 não existia em Santos, igreja e hospital da Misericórdia". A provisão se refere ao fato conhecido de que a Santa Casa de Santos encontrava-se em 1654 em situação precária, devido à crise econômica que assolava a região, tendo paralisado suas atividades, não significando, contudo, que o hospital e sua igreja ainda não tivessem sido construídos. Crises econômicas com paralisações de atividades não são estranhas às espinhosas histórias das Santas Casas. A confraria da Misericórdia de Olinda conseguiu o alvará de privilégios em 26 de janeiro de 1606, concedido pelo rei Felipe II. Pereira da Costa não explica a razão de a confraria de Olinda, que em seu entender seria a primeira do Brasil, só ter conseguido o alvará de privilégios cinqüenta e cinco anos depois da Santa Casa de Santos. Segundo memorial enviado ao Prof. Ernesto de Souza Campos pela Santa Casa do Recife, a Santa Casa de Olinda foi fundada pelo benemérito João Pais Barreto, que foi muitas vezes seu provedor, e que só chegou a Pernambuco em 1560.

Campos observa ainda que, enquanto Pereira da Costa transcreve a nota afirmando que a igreja de Nossa Senhora da Luz situava-se sobre a Muribeca, outro autor pernambuco, Luna Freire, refere-se à mesma nota afirmando que a igreja da Luz situava-se no monte das Tabocas. Muribeca pertence a Jaboatão, Taboca a Vitoria, e a Misericórdia é de Olinda. O morro das Tabocas era sertão mais de um século depois da data em que lá teria existido a igreja da Luz. Infrutíferas foram as tentativas do professor Campos em esclarecer a própria existência de igreja de Nossa Senhora da Luz, à luz de documentos sobre a época. Não há documentos ou quaisquer outras provas que indiquem a existência da confraria ou da respectiva Santa Casa em Olinda no ano de 1540.

Lourival Ribeiro cita ainda a opinião do Padre Serafim Leite, com base em trecho de carta do Padre Leonardo Nunes, escrita em São Vicente, a 24 de agosto de 1550, em que, ao relatar seu desembarque em Santos, informou que "nos veio a receber alguma gente da terra, com a qual o Vigário desta capitania, por m'o rogar muito e também por não haver hospital na terra, fui pousar com ele". A frase deixa claro que o viajante Nunes usou a palavra hospital para referir-se a hospedaria, pousada ou hotel, onde iria pousar, hospedar-se, e não buscar tratamento de saúde. Na ausência de hospedaria, e a pedido, foi, como escreveu, *pousar* com o Vigário. Na época, a palavra hospital era usada também em referência a hospedaria. Trechos pinçados da literatura e interpretados erroneamente, ignorando os demais documentos, fatos e linguagem da época, levaram alguns autores a concluírem por uma data tardia para a fundação do hospital de Santos.

2. A Santa Casa do Rio de Janeiro

Felix Ferreira, autor de "Misericórdia Fluminense", concorda que a primeira Misericórdia brasileira foi a de Santos. Contudo, tentando demonstrar que o hospital do Rio de Janeiro seria o pioneiro no país, alega que a irmandade santista só construiria sua Santa Casa muito mais tarde, apresentando também uma interpretação equivocada da provisão de D. Jeronimo de Ataíde. Por outro lado, baseando-se num requerimento feito pelos irmãos do Rio de Janeiro a Felipe II de Portugal, Ferreira argumenta que a Santa Casa do Rio de Janeiro já existiria a partir de aproximadamente 1545. O alvará de privilégios de Felipe II, com a data de 8 de outubro de 1605, foi concedido à Misericórdia do Rio de Janeiro atendendo ao requerimento dos seus irmãos que alegavam "Que há sessenta anos que têm feito casa com seu hospital para enfermos, sacristia, parlatório, e é uma das boas da costa, e

a algumas faz vantagem notável com sempre ter sua irmandade guardando o compromisso, fazendo muitas esmolas, casando órfãs e dando ordinárias todos os sábados, conforme a possibilidade da terra; e porquanto até agora não tem provisão para ser Misericórdia, pedem a Vossa Majestade lhes mandem passar provisão para que aquela casa possa gozar de todos os privilégios e graças, honra e liberdades, que têm e gozam as casas desta cidade de Lisboa e da vila de Setubal, e as mais deste reino e receberá mercê".

Retrocedendo sessenta anos da data da resposta real, teremos o ano de 1545. Ocorre que, nessa época, a região do Rio de Janeiro era habitada pelos franceses e seus aliados tamoios, ambos hostis aos portugueses. Nicolas Durand de Villegaignon , com o intuito de fundar na Guanabara a França Antártica, estabeleceu-se em novembro de 1555, dominando-a pelos anos seguintes. Perderam o controle apenas temporariamente em 1560, com a destruição do seu Forte de Coligny por Mem de Sá. Estácio de Sá, que partiu de Bertioga levando vários santistas, desembarcou em 1 de março de 1565, iniciando a construção de um arraial fortificado junto ao morro Cara de Cão para a luta em que terminaria vitorioso. O arraial deu origem à Vila Velha, de onde se iniciou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A hipótese de Felix Ferreira de que a Santa Casa do Rio de Janeiro existe desde 1545 é implausível, pois antecederia o início da colonização portuguesa da região, e cobriria um longo período em que a região foi dominada pelos franceses e seus aliados tamoios, inimigos dos lusitanos.

Para o Frei Agostinho de Santa Maria, a Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro teve princípio em 1582 ou poucos anos antes. Não se sabe qual a data precisa da fundação da Santa Casa do Rio de Janeiro, mas um hospital simples pode ter precedido a ação histórica de Anchieta, de 1582, que lhe deu existência sólida e definitiva.

O venerável Apóstolo do Brasil, ao relatar em uma carta sobre o atendimento aos soldados de Valdez, afirma que os nativos construíram casas para os doentes por eles não caberem no hospital. Suas palavras têm sido interpretadas como indicativas de que Anchieta já tivesse encontrado o hospital da Santa Casa construído anteriormente a 1582. Contudo, o texto não informa que encontrou um hospital da Santa Casa construído anteriormente. Por outro lado, as palavras de Anchieta podem também indicar que, tendo construído o hospital da Santa Casa em 1582, contou ainda com a ajuda dos nativos que construíram casas para os muitos doentes que não cabiam no mesmo. Anchieta, modesto e amigo dos nativos, relataria a contribuição dos seus amigos e não a sua.

Para o Dr. Américo Cortez Pinto, a primeira misericórdia brasileira foi a de Santos. Em seguida, baseando-se na petição da Irmandade a Felipe II, conclui que a segunda foi fundada no Rio de Janeiro em 1545. A de Olinda teria sido fundada em 1568 por João Pais Barreto.

Para o Professor Ivolino de Vasconcellos, foi Anchieta quem fundou o Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro para atender os enfermos da esquadra do almirante espanhol Diogo Flores Baldez. Cita o jesuíta Padre Simão de Vasconcelos, que escreveu: "Trazia esta armada muitos doentes necessitados da demora e contrastes da longa viagem, deu traça com que se lhes assinalasse casa de hospital, que até então não havia naquela cidade a esta fez trazer doentes e destinou os religiosos para servi-los e assistir às suas curas com cirurgião médico, e todo o necessário com grande despesa do Colégio..." . Ivolino de Vasconcellos cita ainda o médico e historiador Dr. José Vieira Fazenda, para quem a Confraria da Misericórdia do Rio de Janeiro foi criada pelos fundadores da cidade, Estácio de Sá e seus companheiros. Contudo, por falta de recursos ou em virtude da guerra, que não deixava margem para construção de casa hospitalar ou de templo próprio, a irmandade exercia seus santos ministérios nos modestos domicílios cobertos de sapé da cidade. Segundo Vieira Fazenda, José de Anchieta reúne os irmãos, anima-os, ajuda-os a levantar junto da praia tosco galpão construído de pau a pique e, em 1582, surgia o hospital.

O Cônego Mario José D'Almeida Couto, do

Clero do Arcebispado do Rio de Janeiro, afirma que "a opinião de Francisco Sá e Felix Ferreira de que a fundação ter-se-ia dado em 1545, não é levada em conta pelos demais historiadores, muito embora se apoiem numa petição, dirigida ao Rei Filipe II, e em termos vagos". Opina ainda o Cônego Couto, que "é indiscutível que a iniciativa da fundação da Santa Casa do Rio de Janeiro partiu do Padre José de Anchieta em cooperação com o Padre Manuel da Nóbrega". Continua afirmando que "nesta data, 1563, não havia ... possibilidade da fundação de um hospital, tanto pela força das circunstâncias, contínua luta e vigilância, como pelo número diminuto de moradores, algumas centenas, talvez."

O Dr. Dahas Zarur, membro benemérito da Academia Nacional de Medicina, membro da Associação Brasileira de Imprensa, Escrivão, Administrador Geral e Provedor da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, que muito tem escrito sobre sua instituição, afirma que seu fundador foi o Padre José de Anchieta, em 1582.

3. A fundação da Santa Casa de Santos em 1543

A construção do hospital teve início em 1542 (Santos FM; Franco J), junto ao outeiro de Santa Catarina, sendo concluída no ano seguinte. Não há motivos para se acreditar na hipótese de retardo na sua construção. Diversos fatos apontam para sua inauguração e existência em 1543.

Ao fundar a Santa Casa da Misericórdia de Santos, Brás Cubas definiu o seu lema "Casa de Deus para os homens, porta aberta ao mar", face à necessidade de socorrer os marítimos. O porto, o mais ativo da colônia, recebia muitos navegantes da Europa. As travessias atlânticas nas pequenas caravelas eram demoradas, perigosas, insalubres, inconfortáveis, sem frutas e legumes, e muitos dos tripulantes e passageiros chegavam enfermos. O escorbuto dizimava as tripulações dos navios nas longas viagens oceânicas. Entre as várias atividades desenvolvidas por uma Irmandade de Misericórdia, a que mais poderia interessar num porto brasileiro era a médica e hospitalar.

Na região do povoado de São Vicente, elevado a vila, foram estabelecidas as primeiras instituições coloniais portuguesas, em decorrência da própria missão de Martim Afonso de Souza - iniciar a colonização da América lusitana - implantando o poder civil, com organização política, judiciária, fiscal e eclesiástica. Assim, na vila de São Vicente foram implantados os primeiros conselho, juizado (Moraes JBV; Albuquerque C), pelourinho, cartório (Feliciano L), engenho(Costa e Silva Sobrinho), matriz, alfândega, eleição e Misericórdia. E porque não a primeira Santa Casa? O pioneirismo de São Vicente fez com que os historiadores Afonso de E. Taunay e Francisco Adolpho de Varnhagen a chamassem "Cellula Mater" (Caldas JM). O presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, na lei 4603/65, dando a São Vicente a denominação de "Cidade Monumento da História Pátria", considerou-a "Cellula Mater da Nacionalidade" .

O fidalgo Brás Cubas, líder entre os colonos da região, proprietário de terras e lavouras, tinha uma razão especial para se interessar na construção do hospital em seu povoado - a tradição familiar. Seu avô materno, Nuno Rodrigues, que conhecera na infância, fora um dos fundadores e principais mantenedores da segunda Santa Casa lusíada, a do Porto, fundada em1499 .

À época, não havia falta de recursos, pois além de Brás Cubas, outros homens de posses colaboraram na fundação, não apenas do hospital mas também da própria Vila de Santos. Luís de Gois, fidalgo, produtor de cana-de-açúcar, um dos senhores do primeiro engenho construído no Brasil (Souto Maior), doou o terreno e cedeu a capela existente no outeiro de Santa Catarina para igreja e sede da Irmandade (Franco J). Domingos Pires era um grande proprietário e plantador de cana de açúcar. Os genoveses José Adorno e Francisco Adorno, eram senhores do engenho de São João. Também contribuíram Pascoal Fernandes, mestre Bartolomeu Fernandes e o capitão-mor Cristóvão de Aguiar Altero.

O compromisso da Irmandade, visto,

aprovado e confirmado por D. João III em Almeirim, em 2 de abril de 1551, trata do regimento da Santa Casa da Misericórdia da Vila de Santos, que incluía a missão de "curar os enfermos", o que indica a natureza hospitalar da instituição. Das obras das Misericórdias, essa foi a principal, e é encontrada em todas Santas Casas brasileiras. A santista foi também a primeira Misericórdia brasileira a receber um alvará real de privilégios.

Segundo alguns historiadores, a partir de 1543, com a fundação da Santa Casa de Santos, que se chamava Hospital de Todos os Santos, o porto de São Vicente passou a ser chamado Porto de Todos os Santos, enquanto o povoado de Enguaguassu ficou denominado povoado do Porto de Todos os Santos. Quando elevado a vila, em 1546, passou a se chamar vila do Porto de Todos os Santos, depois simplificado para vila do Porto de Santos e vila de Santos, até se tornar a cidade de Santos. Na origem do nome do povoado, do porto, da vila, e posteriormente, da cidade de Santos, está o nome de seu hospital.

Frei Gaspar da Madre de Deus, cronista-mor da Ordem dos Beneditinos no Brasil, analisou documentos de cartórios e arquivos de mosteiros e conventos em várias regiões do país e elaborou sua célebre *"Memórias para a História da Capitania de São Vicente"*, uma das principais obras sobre a história antiga da região, que cita que, na povoação, houve hospital antigamente, junto à Igreja, pois dele faz menção uma escritura lavrada em Santos, aos três de janeiro de 1547, confrontando certas casas vendidas a Pedro Rozé.

O Professor Ernesto de Souza Campos apresentou outra escritura, de 1563, em que Paulo Proença e Izabel Cubas, genro e filha de Brás Cubas, fazem doação de um terreno em favor deste, citando o hospital nas confrontações da gleba. Cita também "uma escritura encontrada no Arquivo do Convento do Carmo dirigido pelo eminente Frei Timoteo van der Brock. Composição de divisas entre Brás Cubas e Luis de Goes. Nesse documento aparece a designação: 'Povoação de Santos'. Duas conclusões podemos tirar. A primeira é que a povoação primitivamente chamou-se Santos e não porto Santos, a não ser que indiferentemente empregassem uma ou outra expressão. A segunda é que já havia hospital em 1545. O nome de Santos provém da invocação de Todos os Santos para o Hospital de Braz Cubas à semelhança de igual nome existente em Lisboa." Esse renomado historiador, médico, docente, diretor de duas faculdades da Universidade de São Paulo, provavelmente a maior autoridade sobre a história das Santas Casas da Misericórdia brasileiras, após exaustiva investigação, conclui que a Santa Casa da Misericórdia de Santos foi o primeiro hospital fundado no Brasil.

O lema do brasão da cidade de Santos, *Patriam, libertatem et charitatem docui*, inspira-se no pioneirismo pela liberdade e pela caridade. A caridade refere-se ao pioneirismo caritativo através da sua Santa Casa da Misericórdia.

Os fatos e as circunstâncias demonstram o grande interesse do líder Brás Cubas, dos demais colonos, dos navegantes, e da própria coroa, na construção do hospital junto ao principal porto da colônia. Os ricos moradores dispunham dos recursos necessários à obra. Seria incompreensível, à luz da realidade sanitária, marítima, política, social e econômica da época, que o hospital só tivesse sido construído após uma espera de mais de um século, como pretenderam os contestadores da primazia da Misericórdia santista.

4.Historiadores e a fundação da Santa Casa de Santos.

Consagrados historiadores atestam o pioneirismo da Santa Casa da Misericórdia de Santos. Assim, Francisco Martins dos Santos afirma que, em 1542, dava-se começo à casa dos enfermos, cuja inauguração verificou-se em 1543, e com muita probabilidade no dia 1 de novembro, observado o espírito extremamente religioso do povo daquela época. Pedro Calmon afirma que Brás Cubas criou, em 1543, a "sua Casa da Misericórdia, a primeira do país".

Lycurgo Santos Filho, primeiro presidente de honra da Sociedade Brasileira de História da Medicina, afirma que "a primeira irmandade no

país constituiu-se na capitania de S. Vicente, em Santos, onde também estabeleceu-se o primeiro hospital". Afirma ainda que "está hoje oficialmente admitida a fundação não só da confraria como do hospital, em 1543, por Brás Cubas".

O médico, psicólogo e historiador Duilio Crispim Farina afirma que a primeira Santa Casa de Misericórdia do Brasil foi a da Vila de Santos, cujo nome, segundo o padre Serafim Leite, nela teve procedência simples e gloriosa, pois nasceu do seu hospital, dedicado a Todos os Santos.

Segundo Jaime Franco, em 1542 eram abertos os alicerces e colocada a pedra fundamental, sob o regozijo geral, com manifestações religiosas. Nasceu, assim, para os primitivos habitantes da nossa terra, a idéia benfazeja de se erguer o primeiro hospital (...) cuja inauguração ocorreu a 1º de Novembro de 1543, com a solenidade de missa campal, embandeiramento do prédio e posse da primeira mesa administrativa da Irmandade, sob a presidência de Brás Cubas, o primeiro provedor, que lhe traçou a legenda "Casa de Deus para os homens, porta aberta ao mar".

Cláudio Luiz da Costa (1835) afirma que a Irmandade foi criada junto do hospital de caridade no ano de 1543, e que "a inscrição que ainda hoje existe sobre a campa de Brás Cubas, no presbitério da nossa Matriz, mostra que o hospital da caridade foi por ele criado no ano de 1543".

O Professor Clementino Fraga, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, afirma que "o facho da piedade clareou a rota da civilização; no antigo outeiro de Santa Catarina, a *'Casa de Deus para os homens, e porta aberta ao mar'*, desde 1543, sob o signo da bondade cristã, teve o nome de 'Hospital de Todos os Santos'. São Vicente - núcleo inicial de colonização na América portuguesa, em pouco ampliava seus limites, envolvia a colina bendita em que foi erguida a primeira casa de Deus em terras do Brasil (...). No sobressalto da timidez, penetrei nesta Casa sem a qualidade elementar, que é a de ter olhos de ver grandezas passadas no culto atual de legítimos legatários e continuadores. Aqui, paredes adentro, José de Anchieta teve seu primeiro domicílio; iniciou sua vida de evangelizador, assistindo os primeiros doentes no conforto espiritual da religião; aqui a formação cristã plasmou o homem na prática da piedade; nele despertou a reciprocidade do afeto, a vontade de servir ao próximo e a mercê de ser útil."

O Dr. Divaldo Gaspar de Freitas também refuta os argumentos de Pereira da Costa que pretendeu dar à Misericórdia de Olinda a primazia no Brasil, concluindo que "em face do exposto, perfilho a idéia da maioria dos nossos historiadores contemporâneos que atribuem a Santos o berço da primeira Misericórdia instituída no Brasil".

A. J. R. Russel-Wood, professor do Departamento de História da John Hopkins University, afirma que "A honra da fundação da primeira Misericórdia no Brasil é disputada pelas Capitanias de S. Vicente e de Pernambuco. Os historiadores geralmente concordam em que o galardão deve caber à irmandade de Santos, fundada por Brás Cubas em 1543. Essa fundação foi confirmada por alvará real de abril de 1551. (...) Olinda e Ilhéus possuíam Misericórdias na década de 1560".

O Prof. Oswaldo Paulino, médico, historiador, fundador e presidente de honra da Associação Nacional de Medicina do trabalho chama a Santa Casa da Misericórdia de Santos de "Célula Mater da Caridade e da Fraternidade".

Os membros da Sociedade Brasileira de História da Medicina, reunidos em dezembro de 1999 na sede da Associação Paulista de Medicina, por ocasião do IV Congresso Brasileiro de História da Medicina, optaram pela Santa Casa da Misericórdia de Santos para sediar o Congresso do ano seguinte, o do pentacentenário da descoberta oficial do país, numa homenagem ao primeiro hospital brasileiro.

Carlos da Silva Lacaz, professor emérito da Universidade de São Paulo, fundador e diretor do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, um dos maiores historiadores médicos contemporâneos, primeiro presidente e atual presidente de honra da Sociedade Brasileira de História da Medicina,

sucessor de Ernesto de Souza Campos na cátedra da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ao referir-se a Brás Cubas, afirma que "iniciou em 1542 a construção da Santa Casa da Misericórdia de Santos, o mais antigo hospital brasileiro, inaugurado em novembro de 1543".

Lybio Martire Junior, editor científico do Jornal Brasileiro de História da Medicina e vice-presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina, afirma que "O V Congresso Brasileiro de História da Medicina, numa feliz comunhão, une os participantes, pesquisadores e intérpretes da história da ciência médica a um cenário histórico repleto de memória e tradição, posto que, o palco, desta vez, é a Santa Casa da Misericórdia de Santos, primogênita na história hospitalar do país".

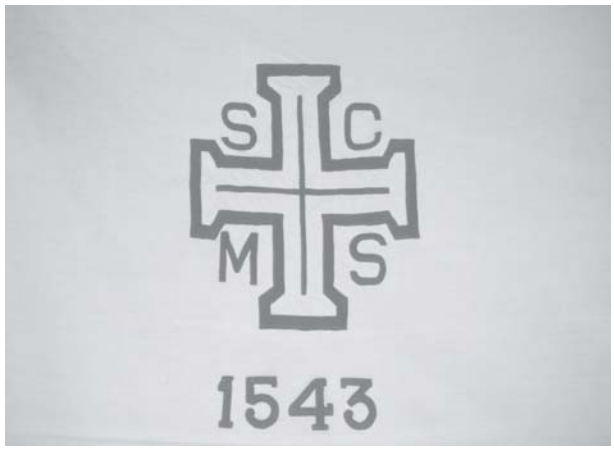
Muitos outros historiadores confirmam ser a Santa Casa da Misericórdia de Santos o hospital pioneiro no país, incluindo Américo Brasiliense, o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, José Jacinto Ribeiro, Damasceno Vieira, Francisco Xavier da Costa Aguiar, Eugenio Egas, Almeida de Morais, Alberto de Souza, Luis Promessa, Varnhagen, Barão do Rio Branco e Alípio Correa Neto.

CONCLUSÃO

Os fatos apontam a Santa Casa da Misericórdia de Santos como o mais antigo hospital do Brasil, merecendo particular destaque a pesquisa do Prof. Ernesto de Souza Campos. Os autores que contestam sua primazia basearam-se na alegada leitura de um translato, não apresentado e não localizado, de outro documento, cuja existência também nunca ficou demonstrada. As tradicionais Santas Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de Olinda, fundadas pelos ilustres José de Anchieta e João Pais Barreto durante o século XVI, não são tão antigas quanto pretenderam demonstrar alguns autores. Contudo, tal fato em nada diminui o brilho histórico nem o valioso mérito social e humano dessas beneméritas instituições que, com as demais Misericórdias brasileiras, constituem monumentos pátrios respeitáveis, vitais na construção da nação.



Brás Cubas, fidalgo português, chegou com a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza de 1532 e fundou a Santa Casa da Misericórdia de Santos em 1543.



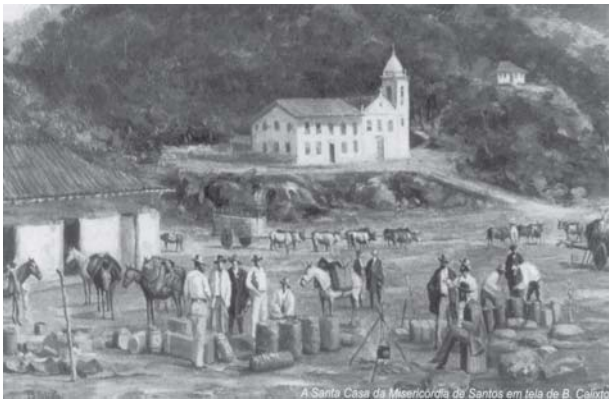
Bandeira da Santa Casa da Misericórdia de Santos.



Placa de bronze afixada no saguão da Santa Casa da Misericórdia de Santos.



Tomé de Souza, governador geral, fundador, em 1549, da Santa Casa da Misericórdia de Salvador. Tela de Manoel Victor Filho.



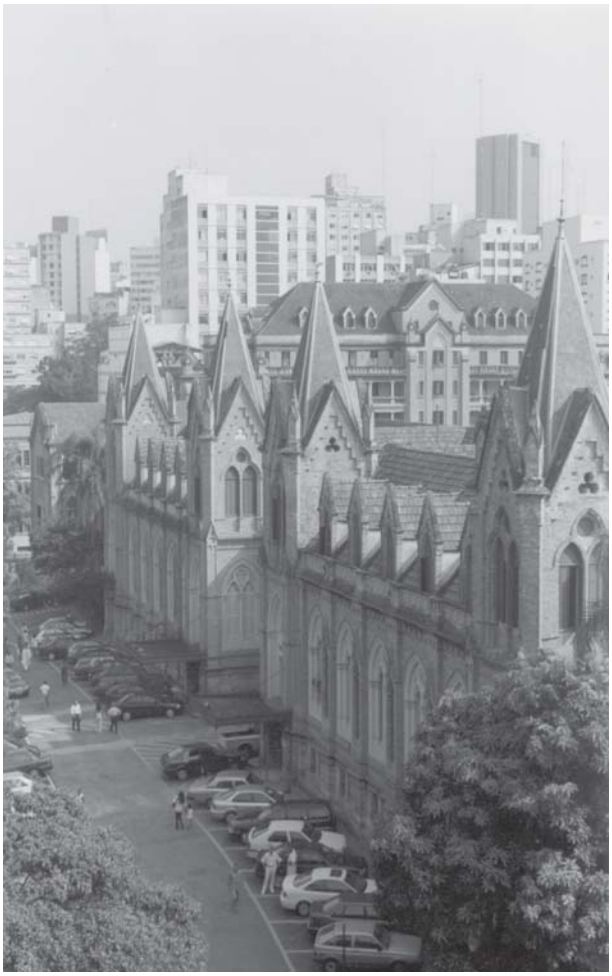
A Santa Casa da Misericórdia de Santos, em tela de Benedicto Calixto



José de Anchieta, fundador da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro em 1582. Tela de Oscar Pereira da Silva.



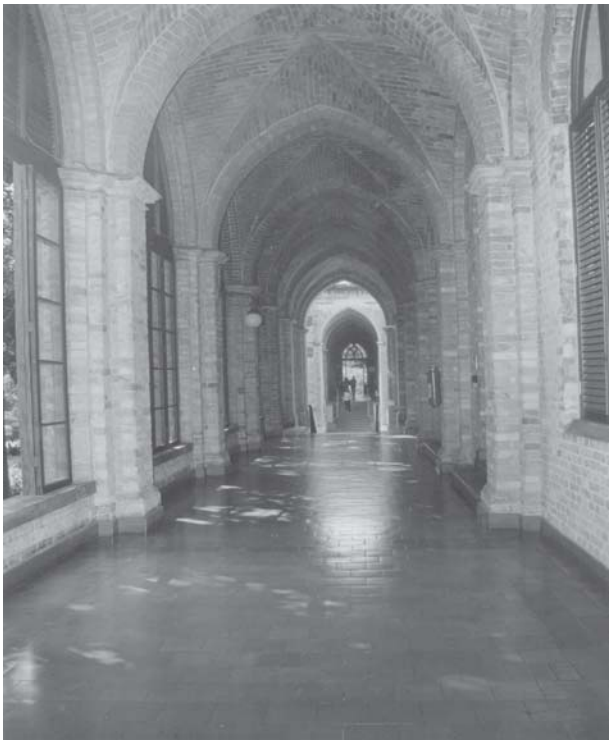
O belíssimo salão nobre da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Fotografia fornecida pelo provedor Dahas Zarur.



A Santa Casa da Misericórdia de São Paulo, talvez a mais bela do país, com suas torres que a distinguem na arquitetura da cidade. Fotografia fornecida pelo ex-provedor Waldemar Carvalho Pinto.



A sóbria e imponente fachada da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre. Fotografia fornecida pela historiadora Nora Mara Pacheco Martins Leal, do Arquivo Histórico daquele hospital.



Os arcos característicos dos corredores da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo. Fotografia fornecida pelo ex-provedor Waldemar Carvalho Pinto.



No jardim frontal da Santa Casa da Misericórdia de Santos, Nilton Augusto Gomes (presidente da Comissão de Ética), João Garcia (diretor clínico), João Carlos Maluza Paes (chefe do laboratório de Patologia Clínica) e Manoel Lourenço das Neves (provedor). (Foto: HSI)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Albuquerque C: São Vicente nasceu sob a égide da liberdade. *In* Lichti FM: *Poliantéia Vicentina*. São Vicente: Editora Caudex, 1982

2. Bouças V, *in* Alvaro Augusto Lopes, *Memórias dos Festejos Comemorativos do 4º Centenário da fundação do hospital*, novembro de 1943. Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda, São Paulo, 1947.

3. Caldas JM: A mais antiga cidade do Brasil. *In* Lichti: *Poliantéia Vicentina*. Editora Caudex, São Vicente, 1982.

4. Calmon P: *in* Pitta SR. *História da América Portuguesa.* W.M.Jackson Inc., Rio de Janeiros, 1952.

5. Campos ES: *Santa Casa da Misericórdia de Santos: Primeiro Hospital Fundado no Brasil*. São Paulo, 1943.

6. Campos ES: Conferência. *In* Lopes AA: *Memórias dos Festejos Comemorativos do 4º Centenário da Fundação do Hospital*, Novembro de 1943, pp 198-99. Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda, São Paulo, 1947.

7. Correa Neto A: Preleção. *in* Lopes AA: *Memórias dos Festejos Comemorativos do 4º Centenário da Fundação do Hospital*, Novembro de 1943, pp 150-152. Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda, São Paulo, 1947.

8. Costa CL: *in* Silva HS: Um médico da Santa Casa. *Actas Ciba*, Ano VIII, maio de 1941.

9. Costa FAP: *Anais Pernambucanos*, Vol. 1, pág. 213-214, *apud* Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, 1971.

10.Costa e Silva Sobrinho J: O engenho do Governador. *in* Lichti FM: *Poliantéia Vicentina*. São Vicente: Editora Caudex Ltda, 1582

11.Couto MJA: Comunicação em homenagem ao V Centenário do nascimento da rainha D. Leonor de Lencastre. *Actas do IV Congresso das Misericórdias*, Vol. I, Lisboa, 1959.

12. Farina DC: *Medicina no Planalto de Piratininga.* São Paulo, 1981

13.Fazenda JV: *Os provedores da Santa Casa da Misericórdia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. Jorn. Com., 1912.

14.Feliciano F: Cidade lendária. *in* Lichti FM: *Poliantéia Vicentina*, p. 53, Editora Caudex Ltda, S.Vicente, 1982

15.Fraga C: Conferencia inaugural da "Semana Medico Social" comemorativa do 4º Centenário da Santa Casa da Misericórdia de Santos, *in* Lopes AA: *Memórias dos Festejos Comemorativos do 4º Centenário da Fundação do Hospital*, Novembro de 1943, pp 99-112, Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda, São Paulo, 1947.

16.Franco J: *A Beneficência*. Santos, 1951

17.Frei Gaspar da Madre de Deus: *Memórias para a História da Capitania de São Vicente.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

18.Freitas DG: As Misericórdia no Brasil. In *Actas do IV Congrssso das Misericórdias. Lisboa*, 1959, pp. 219-298.

19.Ivamoto HS: A Santa Casa da Misericórdia de Santos: sinopse histórica. *Acta Medica Misericordiæ* 1998; 1:7-10.

20.Ivamoto HS: Misericórdias, o magnífico legado luso. *Ser Médico* (Cremesp) 1999; 2 (7):38-39.

21.Ivamoto HS, Morales R, Ivamoto LS, Souza ESMV: The Santas Casas da Misericórdia: five centuries of philanthropy. *Acta Medica Misericordiæ* 1998; 1:11-13.

22.Lacaz CS: Braz Cubas, Leonor de Lencastre, os navegantes e as Misericórdias lusíadas. *Acta Medica Misericordiæ* 2000; 3:55-58.

23.Luna Freire AA: *Rev. Inst. Arq.. Pernambuco* 1896, V - VIII, nº 49, p. 79. *Apud* Campos ES: *Santa Casa da Misericórdia de Santos - Primeiro Hospital Fundado no Brasil*. São Paulo, 1943, pp. 130-133.

24.Martire Jr. L: Editorial. *Jornal Brasileiro de História da Medicina* 2000; 3 (supl. 1).

25.Moraes JBV: Coração da gente brasileira. *In* Litchti FM: *Poliantéia Vicentina*. São Vicente: Editora Caudex Ltda, 1982

26.Nunes L: de 14 de agosto de 1550, Cartas Jesuítas. Academia Brasileira de Letras, 1931, p. 58, *apud* Ribeiro L: *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, 1971.

27.Paulino O: *Santa Casa Célula Mater da Caridade e da Fraternidade*. Santos, 1999.

28.Pinto AC: D. Leonor e as misericórdias na expansão ultramarina. *Actas do IV Congresso*, vol. 1, Lisboa, 1959.

29.Ribeiro L: *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, 1971.

30.Russel-Wood AJR. *Fidalgos e Filantropos: A Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Tradução de Sérgio Leite. Brasília, Editora Universidade de Brasília, PP 30-31, 1981.

31.Santos FM: *História de Santos.* Editora Caudex Ltda, S. Vicente, S.P, 2a. ed., 1986.

32.Santos Filho L: *Historia da Medicina no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1947.

33.Vasconcellos I: Anchieta e a fundação do hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. *Actas do IV Congresso das Misericórdias*, Vol 1, Lisboa, 1959

34.Vasconcelos S: Vida do Venerável Padre José de Anchieta, in Vasconcellos I: Anchieta e a fundação da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, *Actas do IV Congresso das Misericórdias*, vol 1, Lisboa, 1959.

35.Zarur D: A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. *Acta Medica Misericordiæ*, 1999; 2:17-20.

ENDEREÇO/ADDRESS: Henrique S. Ivamoto, Acta Medica Misericordiæ, Centro de Estudos da Santa Casa da Misericórdia de Santos, Avenida Dr. Claudio Luís da Costa, 50, Santos, SP, CEP 11075-900, Santos, Brasil. hivamoto@yahoo.com.br